

NO FRONT DA VIDA: ARTE-FATOS E AFETOS DE UMA COMUNIDADE EM SITUAÇÃO DE RUA EM CUIABÁ.

INTRODUÇÃO

Me llaman calle

(Mano Chao)

Me llaman calle, me llaman calle
Calle sufrida, calle tristeza de tanto amar
Me llaman calle, calle más calle

(<https://www.letras.mus.br/manu-chao/1076683/traducao.html>)

I

NO *FRONT* DA VIDA>>Comunidade nômade>>População de Rua.

Meu lugar de pertencimento na pesquisa junto da população em situação de rua é um lugar que está no coletivo, não é meu, é deles. E nesse lugar onde pesquisa e vida não se separam o esforço é o de compreender, por exemplo, como se constitui uma ética da rua. Como se constituem as comunidades com traços particulares de bando e nomadismo.

Junto dessa população percebemos, por exemplo, o aprofundamento dos laços sociais que criam pertencimentos e afetos e que revela uma população ativista e rebelde, que em face do abandono, tem como estratégia de defesa e de luta, o 'bando' que somado à afetividade, trazem à tona comunidades nascentes, comunidades em *Devir*.

Comunidades de sujeitos coletivos que se negam ao coletivismo. Sujeitos políticos que destronam a política na crítica que fazem enquanto aqueles que se sabem tornados vulneráveis e que essa condição é ao mesmo tempo,

uma forma de r-existir. Sujeitos éticos que na radicalidade da vida no *front* afirmam a potência de um existir radicalmente questionador dos padrões de controle e de governo das populações.

Estas comunidades mobilizam espaços, temporalidades, fatos e artefatos sociais e da cultura, de maneira a subverter o desejo de *pólis* e consagrar-se ao desejo de *Plaza* (*praça*). O desejo de *plaza* é o desejo de rua, aquele que se constitui na “inexpropriação”. O que é irreduzível a essa população, o que lhes é inexpugnável, é justamente não apenas a contingência da rua, mas o seu desejo, tanto a amparo como a r-existência. Essa ambiguidade, e não apenas essa, forja em grande medida o sentido da comunidade que vem, essas potências ensaiam as condições de possibilidade de uma política da rua, de uma vida comum, no sentido de uma vida compartilhada, isto é o mesmo que a utopia de uma comunidade nascente e de uma comunidade que ainda está vindo.

II

A pesquisa a princípio se configurava como uma cartografia da situação de rua em Cuiabá nomeada inicialmente por “*Fronteiras de Vida: Cartografia Política da Situação de Rua em Cuiabá – Projeto RuAção 2015-2018*”. Percebemos, na cartografia, a existência de territórios, habitações, afetos, trajetos e laços sociais no funcionamento de uma política de ruação, essa política está imbuída de aspectos da produção da vida social e da produção de uma cultura que mesmo na subalternidade possui grande pertença aos movimentos sociais e de luta, pois cada auto-organização nômade configura no espaço urbano maneiras de enfrentar os agenciamentos, essas táticas são diferentes do Movimento dos Sem Terra, do Movimento dos Sem Teto e em quaisquer outros movimentos.

Essa população diferentemente de outras populações não figura no rol do engajamento tal qual se pensa aqueles que lutam por direitos e por isso sua legitimidade é muitas vezes contestada, pois há também para todo movimento uma forma da organização a ele característico e que precisa ser olhado, visto, notado. Para se ter organização se precisa líderes, para se ter organização se precisa bandeiras, palavras de ordem, pautas, discursos e maneiras de se fazer ouvir. Essa população neste sentido mais clássico da organização dos movimentos sociais muitas vezes carece desse “aparelhameto” e é sob certo aspecto ingovernável. São tidas pelo poder como “intratáveis”.

Existem movimentos articulados em torno da questão, eu mesma faço parte dele, o que estou problematizando são as questões relativas ao sujeito coletivo que se nega ao coletivismo e que no interior da unidade chamada população de rua são os mais radicais por não serem captados por nenhuma rede social. Poderíamos pensar no cidadão radical, aquele que não abrindo mão do urbano o faz tecer-se à sua própria subjetividade e não busca se enquadrar no urbano para permanecer. Aquele que entende o urbano com uma visão muito diferenciada e bem pouco moderada que não se liga a ideia de propriedade pois habita o “lugar qualquer”, pois ele também sob certo aspecto “qualquer”.

Uma forma de organização que se faz presente na organização da população em situação de rua é a organização a partir de cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Esta é uma das práticas que mais tem dado certo no país e que leva à frente muitos projetos de vida comunitária e de engajamento na vida social e que releva o importante fato de que as pessoas que vivem em condição de rua não necessariamente desejam outra

condição, mas sim elas não desejam o que a condição lhes imponha como consequência trágica de sua alternativa de vida, por exemplo a privação ou a violência, mas em tendo escolhido e totalmente ciente de que podem alcançar outra condição se submeterem a outras regras, se negam. A população de rua é aquela que diz sempre: **Eu preferiria Não.**

A violência decorrente da intolerância e do questionamento da legitimidade que as pessoas tem em morar na rua gera uma condição absolutamente adversa e hostil pra quem vive na rua, mas entre a diminuição da potencia de vida e sua afirmação a população em situação de rua está sempre na afirmação gerando novas potencias. Morar na rua não é crime mas no Brasil tem sido criminalizado pelas políticas de higienização, de segurança e toda a política de gestão do espaço público.

III

Ao mencionarmos, qualquer que seja o lugar de onde estejamos falando, “moradores de rua”, estaremos já nos referindo a uma realidade que possui um quê de impalpável, imaterial e incorpóreo. Com isso não estou negando a dura realidade dessa população, suas mazelas, dificuldades e as condições de possibilidade de Vida que ela representa, o que digo é que estaremos falando, autorizadamente ou não, num alto grau de generalidade a respeito uma população heterogênea e ingovernável. Ingovernável no sentido de que como nômades passam ao largo das convenções sociais e ao mesmo tempo estão no coração da vida urbana, na constituição mesma das comunidades nascentes.

A percepção de que o nomadismo é uma tática fundamental de vida tem uma tônica forte em meu trabalho, principalmente em função de uma série

de desencontros e de encontros fortuitos, como é o caso do trabalho junto da população em situação de rua desenvolvido aqui.

A pesquisa que começa por uma cartografia da rua, relativa ao primeiro ano do curso de doutorado, em que me dediquei a descobrir cada vez mais as pessoas em situação de rua na cidade de Cuiabá me mostrou que muitos dos meus encontros provavelmente não se repetiriam, dado à transitividade do contato e da não permanência das pessoas nos mesmos locais.

Esse contato fugidio passou a ser problematizado do ponto de vista de pesquisa como uma característica do trabalho com moradores de rua. Pensando essa dimensão da conversa informal, dos contatos não planejados com essas pessoas, descobri que também minha pesquisa teria de construir-se em meio à presença-ausência dessas pessoas, que a abordagem, não seria uma simples abordagem, que mesmo encontrar as pessoas seria já um problema para a pesquisa.

Tendo em vista o percurso absolutamente imprevisível dos moradores de rua, comecei a perceber que não poderia me fixar a algumas pessoas, e que seria difícil, apesar de compreender a existência de territórios e rotas afetivas, encontrá-las novamente, ou no quando de um novo encontro retomar um encontro já acontecido. Que eu como pesquisadora não deveria me permitir minar a estratégia da vida nômade. Não percorrer os mesmos lugares, não se deixar aprisionar por lugares ou pessoas é uma tática de vida e de sobrevivência e como a própria população aprendi que cada dia é um dia.

IV

Ao perceber que qualquer tipo de aprisionamento, fosse ele a palavras, fosse ele a um compromisso, me era oferecida sempre a impossibilidade,

seja de me aproximar, de ouvir ou de interagir com a população em situação de rua, comecei a abrir mão de máquinas de fotografia, gravadores, blocos de anotações ou qualquer coisa que me identificasse como uma pesquisadora e passei a agradecer-me dos encontros fortuitos, sem pauta, sem nexos aparente e sem mesmo registro formal.

Nem mesmo o nome é algo a ser dito. Quando reconheci Andréia numa tarde quente em Cuiabá e a chamei pelo nome perto de outras pessoas ela me repreendeu, disse que “num colava mais em mim” e que se quisesse era pra chamar ela de Cheirosa. Aprendi mais uma na rua.

Comecei a entender que a interação de pessoa a pessoa, excluída a “função social” era a única alternativa para que eu pudesse ter uma confiabilidade mínima de quem falava a mim, e que esta seria na verdade a possibilidade mais real de um **encontro**.

O desejo de morar na rua não é um desejo simples, ele releva uma liberdade radical que para se deixar tocar é preciso se colocar de igual pra igual, descer da condição de humanidade outra à qual você como pesquisadora pode ser considerada segunda a ótica da rua, descer do pedestal quer dizer falar com e ser toda ouvidos, entender que existe sim a ideia de que nós somos nós e eles são os outros. Nós e eles. Essa expressão fica clara na relação com os moradores de rua. Nós somos aqueles aos quais eles aderem às regras apenas como uso descartável e muito liquefeito, que usada essa regra uma vez ela se torna como a própria vida na rua em toda sua tensividade de não repetição. Não me reconhecer é típico. Fingir que não me viu, fingir que não se lembra, eu também com isso jogo o jogo, sabendo que são eles quem dão as cartas, isso é legítimo.

Entender que jogam o tempo todo com os nossos pressupostos e entendimentos sobre o mundo e que estão prontos a desconstruí-los com a

legitimidade de quem conhece tanto uma quanto a “outra vida”. Que há em grande medida, muitas contingências, mas também há decisão, decisão quanto ao modo de vida a se levar, decisão quanto ao que se escolhe.

V

Ao participar do Fórum Permanente da População em Situação de Rua do Estado do Rio de Janeiro um debate forte se deu em torno da rede de assistência à pessoa em situação de rua e uma das preocupações é com uma espécie de triagem, essa triagem é também uma espécie de rastreamento em que a ideia de atender ao morador e tão logo identificada sua “origem” “recambiar” o paciente para sua unidade é o pressuposto da existência da rede. Esta estratégia pode ser justamente um dos principais motivos pelo qual o morador de rua sai ou se ausenta do sistema, dado que mina sua principal tática de sobrevivência, o não estar em lugar algum e ao mesmo tempo em todo lugar como **cidadão radical**. Ao “recambiar” - palavra horrorosa - o morador para sua “origem” o sistema o devolve ao próprio sistema ao qual ele está fugindo ou fazendo fugir. O sistema de vida nômade consiste em fazer os problemas de sobrevivência fugirem conforme se faça a vida seguir em outra e outra e outra direção e por isso a andarilhagem como combate e como a saúde assume uma função profilática, nada fere mais de morte um morador que problemas em seus pés, notem que este problema de saúde também tende a ser recorrente, como trabalhadores do campo que tem problemas com a não impressão de suas digitais por conta do trabalho com as mãos que lhes arrancam as marcas o cidadão radical o morador de rua pela sua necessidade de saúde tende ter problemas nos pés dado suas longas caminhadas, sua condição difícil de acesso à saúde social.

VI

Insistimos na tese do nomadismo como tática, e explicitamos que a tática de deixar o território é tão importante quanto uma política de auto-organização, mas que à diferença e um estabelecimento sedentário, um morador pode durante muitos anos e dependendo de seu objetivo ter como tática o constante caminhar. Em Brasília à época em que se tinha intensificado o policiamento ouvi de um morador de rua exatamente este relato o de que era importante sempre circular porque os canas estavam em todo lugar e uma maneira era confundi-los, pois eles não conseguiam saber quem era quem com tanta gente (moradora de rua) em circulação, além disso certa camuflagem também se fazia necessária, andar parecendo transeunte normal pelas ruas para ser identificado como qualquer trabalhador, não carregar suas coisas em sacos de lixo, não usar gorro, não usar havaianas se possível, carregar o mínimo como se fosse uma mochila de quem passa o dia fora. E como guardar as suas coisas? Como dormir? Eu quis saber, ele disse que tem de ficar “mocando” tudo, escondendo tudo.

VII

Ao fazer uma apresentação teatral na Rodoviária Central de Cuiabá constatei exatamente a mesma coisa que me disse o morador de Brasília de uma maneira um pouco diferente. Descobri que alguns moradores que vivem no entorno guardam seus colchões a preço de 2 ou 3 reais o dia na parte de deixar malas e pertences, que fazem isso para garantirem o pouso nas noites e para não serem roubados ou pelas polícias ou por outros moradores em busca de lugar para dormir. Percebi que esse dado constituía mais um dos tantos mais da cultura da rua e especificamente da cultura de

morar na rua, que morar na rua, é sobretudo uma maneira de viver que tem características semelhantes em vários pontos do país.

Existem sempre motivos muito fortes tanto para o caminhar quanto para a fixação dos moradores em determinados locais. Insistimos que essa tática também se dá no interior das comunidades de moradores de rua, que existe um movimento auto-organizativo no sentido de garantir que a mobilidade se dê em função não apenas de um modo de vida, mas também como um modo de sobreviver, um modo de lidar com a morte. Dentre a maneira mais segura de vida está então a vida caminhante, a vida que não para e que não pode parar, desta maneira alguns pontos para uma pausa são fundamentais, mas essas pausas são imprevisíveis e incapturáveis e assim o morador passa sem ser visto, é visto como ser passante e a mesmo tempo invoca uma presença-ausência que só ele é capaz de gerar e dela obter lucro.

O lucro é um outro fator importante na ordem do dia do morador, dado que ele não se insere no sistema monetário comum do dinheiro que transita de uma mão a outra com valores definidos, para os moradores, cada coisa tem valores distintos, cada moeda também é valorada em outro sistema e esse sistema de comunidade revela uma importante economia.

VIII

Uma economia é gerada constantemente pelos moradores de rua e essa economia é micro se pensada individualmente mas se pensada num coletivo ela pode ser transformada num número significativo, basta para isso pegarmos um valor, por exemplo, o do censo nacional que identificou em 2008 um contingente de 31.922 pessoas morando na rua, imaginemos que cada uma delas, pensando apenas nesse número fixo, imaginemos que cada uma gaste por dia 30 reais em um ano essas pessoas fazem girar **xx** de

reais. Isso para pensarmos de maneira muito simples em um aspecto até simplório da realidade, mas que não deixa de ter relevância quando se trata de desmitificar a ideia de que essa é uma população improdutiva e economicamente ela não tem impacto sobre a economia da cidade.

A ideia de que a população de rua possa e deva ser excluída por conta da sua não produtividade é um discurso comum e corrente no Brasil, que atinge a todos – do discurso midiático ao senso comum mais vazio de pensamento - mas atinge principalmente àqueles que mais ferozmente se ligam ao sistema comercial, isto é, logistas, comerciantes, ambulantes e todo tipo de vendedores.

A ideia de que moradores de rua não façam parte da economia é arraigada na maneira como pensam essa população, pois acostumados com os grandes lucros, grandes vendas, trânsito ininterrupto de mercadorias, lógicas de cálculos e trocas pautadas apenas na mais valia em uma lógica que repete a todo momento que o bom e o mais esperto é especular, esses comerciantes não conseguem enxergar a micro economia que os moradores fazem girar e a grande afirmação de resistência existente no ato de transformar informação.

A economia de quem mora na rua é a economia mais afetada pelas condições sociais, na economia da rua as questões de classes se tornam inegáveis, as discriminações e as diversas maneiras de segregar aparecem como fato de empobrecimento e ao mesmo tempo aparece uma vez mais como maneira de r-existir dentro da lógica capitalista, dado que as falas são de “desprendimento de questões materiais”, como aparece no discurso de quem mora na rua, existem maneiras diversas do aparecimento dessa economia no discurso da rua, uma delas diz respeito à revolta, a outra diz respeito à conformidade, a outra ainda diz respeito à não necessidade e

outra ainda como desejo. De todos estes discursos um dos mais evidentes é o do desejo, este por sua vez é também o mais contraditório pois aparece como desejo não realizado e que continua desejante ao mesmo tempo que a sua negação é também a sua transformação em uma espécie de vitória da sobrevivência, já que como sobreviventes a população em situação de rua geralmente se refere à questão de viver com menos de 20 reais por dia como mais uma dificuldade a ser driblada e que os transforma ao mesmo tempo em pessoas menos apegadas ao dinheiro, pois percebem numa experiência radical, que esse é mais um jogo sujo em que sempre haverá jogadores de fora, que este sistema em que se baseia a troca não é o único e que ele é apenas uma alternativa e que quem prova que consegue de outra maneira viver pode estar certo sobre a falência e a crueldade do mesmo sistema que escraviza pelo trabalho e lucra pela mais valia sem escrúpulos e sem nenhuma mediação que faça pensar isso como um problema.

IX

UMA EXPERIÊNCIA DE COMO AS INFORMAÇÕES CHEGAM ANTES

Escolhi um ponto de ônibus pra sentar e ficar em meio às pessoas como uma observadora comum e uma transeunte sem interesses maiores no contexto da comunidade que observo. No centro histórico de Cuiabá de frente pro Beco do Candeeiro no pé do morro da luz me situo na tentativa de conhecer e entender como se processa a vida comunitária dos moradores de rua em sua comunidade. Hoje sexta feira me coloquei no mesmo lugar. Primeiro fiz um passeio de reconhecimento pelas imediações do centro. Contornei o Beco, subi o morro e desci pro ponto de observação. Digo desci e escolhi propositadamente o ponto que fica sem nenhum privilégio

de visão pra captar o que é subterrâneo, o que acontece perto da população que passa pelo centro. Escolhi ficar sentada e não em pé, me locomovendo a partir do ponto que começa minha observação apenas na rota de quem pega ônibus.

Também escolhi ficar sem filmadoras, gravadoras, máquinas fotográficas ou qualquer outro auxílio que não a experiência vivencial de estar junto das pessoas com todos os meus sentidos. Esta escolha revela tanto um sentido de preservação da comunidade, quanto a deliberada vontade de captar o máximo através não apenas do olho da máquina, mas de ter meu corpo marcado por tudo que vem da comunidade. Algumas marcas já estão presentes. A visibilidade da cor por exemplo. Atrás da estátua erguida aos meninos assassinados na chacina do Beco do Candeeiro havia uma árvore, esta árvore morreu o que abriu uma luminosidade ainda maior no espaço daquele lugar. A noite com a morte da árvore não há mais sombras, o que configura para minha percepção como algo desejado. A árvore foi morrendo aos poucos e não vi quando foi retirada, mas muitas vezes presenciei pessoas residentes da comunidade urinarem nela e colocarem vazilhames descartáveis pendurados nela. Além de sofrer uma poda que a fragilizou muito. A partir da poda a árvore começou a ficar mais e mais mirrada. A árvore era de grande porte, com vagens que ao tremular faziam barulho. Ficava na lateral do Bar da Flávia, que mudou de nome. Sei por experiência que a noite com o vento a árvore fazia barulho, mas esse barulho em meio ao caos dos motores era quase imperceptível. Ao estar no bar durante a noite, bebendo percebi este detalhe por seu movimento quase fantasmagórico. Entendo a morte da árvore como um fenômeno importante na vida da comunidade. Ela foi retirada aos poucos, com muita paciência e

muita perspicácia, foi sendo convencida a não ficar, com quase tudo que cerca e trás perigo à comunidade. A árvore passa a ser uma ameaça a partir do momento em que suas sombras trazem o escuro para um lugar que os habitantes sabem, é muito frágil, exposto a violências e muito vulnerável. Trazer à luz o espaço aberto ajuda na passagem dos habitantes. Não haver lugares escuros que possa esconder o perigo ajuda a sobreviver na comunidade. A não existência da árvore passa a ser necessária para abrir passagem e não permitir “tocaias”. Logo atrás de onde existia a árvore agora existe um grafite. Parede ao fundo da Imagem.



X

A cidade organiza o caos a rua o absorve

Ao observar ontem 10-06-16 a dinâmica da comunidade percebi que estava acontecendo alguma coisa na cidade, mas não havia como saber o que era no momento em que ocorria, só havia uma certeza de que havia algo novo no ar. O morro da luz estava completamente tomado por uma ruação de pessoas da comunidade que iam e vinham ao que parece levando e buscando coisas. Essas coisas eram informações e se faziam numa economia de trocas mútuas intensas. O que estava ocorrendo na cidade eu viria a saber mais tarde. O trânsito de informações da comunidade circula de modo que o contato, o boca-a-boca, a troca de sinergia de encontros rápidos e furtivos se dá na dinâmica do não deixar-se aprisionar. Isto ocorre o tempo todo e circula do Beco para a comunidade da comunidade para Morro, vai e volta, circunda e circula o tempo todo. Junto com a informação circulam outras mercadorias menos valiosas como as pedras de crack de 2, 5, 7, 10, 12 reais. As pedras circulam em todo o corpo da comunidade e estão espalhadas como as mesmas pedras que calçam as ruas. O cheiro da pedra sai do Morro como um sinal em fumaça. O cheiro da pedra sai do Beco como um sinal de fumaça. Os moradores atravessam a rua no meio dos carros loucamente. Os moradores se arriscam sem medo, são rápidos, velozes, são “ligados” em tudo. Tudo aqui é movimento contínuo e contínuo, frenético circular. A circulação é parte da economia da comunidade. Não pode parar, não pode moscar, dizem os moradores. “Dá um perdido, dá um rolê, pega um bonde, dá um vaza, dá um raio, dá um rasgado” são comuns tanto na conversa informal quanto nas advertências quando há perigo iminente.

De uma maneira geral, estes fragmentos falam da minha experiência com o movimento da população em situação de rua e relata as percepções desse trabalho imbuído de muita dificuldade metodológica de muita impossibilidade e ao mesmo tempo cheio de promessas por se tratar de um trabalho que deseja fazer ver o outro com mais dignidade e a condição de rua não apenas pelo viés da vitimação, mas também pelo viés da afirmação da vida, da vida coletiva e das possibilidades de nascimento de uma comunidade que ainda está por vir.

XII

Os sites mencionados na última parte do trabalho, fragmentos X e XI estão abaixo e somam a referência desse artigo.

1.

<http://muvucapopular.com.br/noticias/geral/87224-bandidos-tocam-o-terror-em-cuiaba-incendiam-anibus-e-disparam-contragentes-prisionais.html>

2.

<http://midianews.com.br/cotidiano/tres-onibus-sao-incendiados-em-cuiaba-e-vg-veja-o-video/265887>

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA**

**NOVAS EPISTEMAS
E
NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS**

27 a 29 de setembro de 2016
JATAÍ - GO
UFG - Regional Jataí

Bandidos ordenam o 'terror' na baixada cuiabana de dentro dos presídios

Clima de tensão toma conta das ruas, ônibus são incendiados e agente prisional é alvo de ataque

Redação 10/06/2016 20:48:03 3339



Cuiabá e Várzea Grande foram alvos de uma onda de ataques e violência na noite desta sexta-feira (10). Pelo menos três ônibus foram incendiados, um agente sofreu tentativa de homicídio e diversos assaltos ocorreram em vários bairros. Dos ônibus atacados, um passava na Avenida General Melo, próximo à Avenida Beira Rio, na região do bairro Praiero, outro no Pedra 90 e um no Bairro Unipark, em Várzea Grande.

A casa de um agente prisional, localizada no Jardim Eldorado, também sofreu ataques. Sete tiros foram disparados. Ninguém foi atingido. A suspeita é de que a ordem dos ataques tenha saído de dentro da unidade prisional.

Informações divulgadas nas redes sociais dão conta de que o ato seria uma retaliação à greve dos servidores penitenciários. “É pra destruir a cidade, gurizada. Entendeu? Gurizada da quebrada, Nova Esperança, Mapim, Mangabeira, entendeu? E região aí. É pra colocar o bagulho no vermelho. Agente, policia... Tacar fogo em ônibus. A voz veio da torre. Nós tá (sic) sendo oprimido aqui”, diz trecho de áudios divulgados no aplicativo WhatsApp.

A Pantanal Transporte recolheu toda a frota. A tendência é de que a Norte Sul e a Integral Transporte também retirem os coletivos de circulação.

A cúpula de Segurança Pública do Estado se reuniu na noite de ontem para avaliar a situação e evitar novos ataques. Em nota, o governo informou “que está investigando a origem dos ataques a dois ônibus do sistema de transporte coletivo (...) e que o policiamento na capital e em Várzea Grande foi reforçado em função dos ataques e que este reforço do policiamento será estendido durante todo o fim de semana”.

<http://muvucapopular.com.br/noticias/geral/87224-bandidos-tocam-o-terror-em-cuiaba-incendiam-anibus-e-disparam-contr-agentes-prisionais.html>



Imagem retirada do Facebook de Babu Seteito na mesma data.

10.06.2016 | 11h10

[A-](#) | [A+](#)

POLÍCIA / "BARRIL DE PÓLVORA"

Rebelião toma conta do Pascoal Ramos; presos exigem visitas e banhos de sol

Detentos dos raios 3 e 4 agrediram e tentaram render os agentes prisionais. Visitas e banho de sol estão suspensas por causa da greve dos servidores.

JÉSSICA MOREIRA
DA REDAÇÃO

Reprodução

[Clique para ampliar](#) 



Rebelião é por falta de banhos de sol e visitas

Uma rebelião tomou conta do presídio Pascoal Ramos em Cuiabá, na manhã desta sexta-feira (10). De acordo com informações repassadas ao **Repórter MT**, o motim começou quando presos dos raios três e quatro agrediram os agentes penitenciários.

Um agente penitenciário teria ficado ferido, mas não há registro de que alguém tenha sido feito refém.

As informações repassadas pelo Sindicato dos Servidores do Estado de Mato Grosso (sindspen/MT) dão conta que a situação foi controlada após uma hora de muito tumulto e negociação.

Nas duas alas estão detidos cerca de 800 criminosos.

Um dos motivos para a rebelião é a suspensão das visitas e banho de sol dos presos em virtude da greve dos agentes penitenciários.

Vários agentes que participavam da assembleia da categoria nesta manhã, para decidir o futuro da greve iniciado no último dia 1º de junho, teve que deixar o local para auxiliar a conter os detentos na rebelião.

Com a suspensão das visitas que normalmente ocorrem duas vezes por semana e dos banhos de sol, que normalmente são realizados diariamente nas quadras das unidades, desde o início da mobilização o [RepórterMT já tinha anunciado a possibilidade de rebelião em primeira mão.](#)

Protestos

Na terça-feira (7), em Cuiabá, cerca de 50 mulheres, que seriam familiares de detentos realizaram um protesto em frente à Penitenciária Central do

Estado (PCE) reivindicando a volta das visitas aos presos. Elas prometem uma nova ação no sábado (11).

Também na terça, mas no Centro de Detenção Provisória de Pontes e Lacerda, os detentos fizeram uma rebelião ateando fogo em colchões (443 km da capital). A situação foi controlada horas depois.

Na quarta-feira (8) presos do Centro de Ressocialização de Cuiabá (CRC), no bairro Carumbé, fizeram reféns dois detentos que atuam como pastores na unidade. Dois detentos da ala L foram amarrados e ameaçados de morte, situação que provocou tumulto.

Agentes prisionais interviram nas negociações e os pastores foram liberados sem danos. A ação também foi uma forma de protesto pela falta de visitas.

--

<http://midianews.com.br/cotidiano/tres-onibus-sao-incendiados-em-cuiaba-e-vg-veja-o-video/265887>

Cotidiano / ATAQUES NA NOITE

10.06.2016 / 19h45

Tamanho do texto [A-](#) [A+](#)

Três ônibus são incendiados em Cuiabá e VG; veja o vídeo

Secretaria Estadual de Segurança confirma ataques nos bairros Praeiro, Pedra 90 e Unipark

Arquivo

[Clique para ampliar](#) 



Um dos ônibus incendiados na noite desta sexta-feira

YURI RAMIRES
DA REDAÇÃO

Três ônibus foram incendiados no começo da noite desta sexta-feira (10), em Cuiabá e Várzea Grande.

Os ataques aos ônibus aconteceram nos bairros Praeiro e Pedra 90, em Cuiabá, e Unipark, em Várzea Grande. Os veículos foram evacuados e, em seguida, incendiados.

A Secretaria de Segurança Pública (Sesp) confirmou os ataques e informou que já mobilizou todas as forças policiais (*veja a nota abaixo*).

A Sesp também confirmou que a casa de um agente prisional, no bairro Eldorado, em Cuiabá, foi atingida por sete disparos. Ninguém se feriu.

Não há informações de quantas pessoas participaram dos ataques, que teriam sido orquestrados de dentro da Penitenciária Central do Estado.

O Gabinete de Crise da Segurança Pública foi convocado às pressas e ficou de plantão na sede da Sesp.

O secretário Rogers Jarbas, da Sesp, postou um áudio no WhatsApp afirmando "que todas as forças de segurança pública estão nas ruas com força total, para retomar a paz e a tranquilidade".

Ouçã a fala do secretário:

Sem visitas

A suspeita é de que os ataques sejam em retaliação à suspensão das visitas nos presídios, em razão da greve dos agentes penitenciários.

No final da tarde, áudios começaram a circular por meio do aplicativo WhatsApp falando dos ataques. Em uma das gravações, um homem não identificado pede a mobilização de quem "soma com o crime".

No áudio, o homem ainda pede para o "bagulho ficar louco" e diz que a "voz veio da torre". A mensagem ainda manda atacar policiais, agentes e ônibus.



Motocicleta também foi queimada perto de shopping

A Sesp informou que tomou conhecimento da mensagem, mas que até o momento não pode confirmar a autoria e nem de onde veio. O setor de inteligência está trabalhando no caso.

Conforme a Sesp, o primeiro ataque aconteceu às 18h24, no Praieiro. Já o segundo, no Pedra 90, às 19h59, no ponto final do bairro.

O terceiro, no Unipark, foi registrado pelo Ciosp às 20h07.

Por volta das 20h20, o Governo do Estado divulgou nota se posicionando sobre os ataques.

Leia a nota do Governo:

"Governo de Mato Grosso informa que está investigando a origem dos ataques a dois ônibus do sistema de transporte coletivo ocorridos na noite desta sexta-feira (10.06), em Cuiabá.

Informa ainda que o policiamento na capital e em Várzea Grande foi reforçado em função dos ataques e que este reforço do policiamento será estendido durante todo o fim de semana.

A polícia investiga se os ataques seriam uma retaliação às consequências da greve dos servidores do Sindicato dos Servidores Penitenciários de Mato Grosso (Sindspen-MT), que provocou a interrupção das visitas nos presídios e do banho de sol dos detentos.

Desde o começo da semana, familiares dos detentos estão alertando para uma possível rebelião e chegaram a bloquear o tráfego em uma rodovia para reivindicar o retorno das atividades nos presídios.

Mesmo com a ilegalidade da greve, decretada pelo desembargador Alberto Ferreira de Souza no dia 03 de junho, sob pena de multa diária de R\$ 100 mil, a categoria não interrompeu a paralisação".

Moto é incendiada perto de shopping (atualizada às 22h40)

Uma motocicleta que estava estacionada ao lado do shopping Três Américas também foi incendiada na noite desta sexta-feira (10).

Criminoso é preso (atualizado às 23hs)

O Gabinete de Estado de Comunicação informou que o criminoso que ateou fogo em um ônibus, no bairro Pedra 90, foi preso.

Segundo o Gcom, também está preso o homem que publicou mensagem no WhatsApp convocando ações contra a polícia. Ambos estão no Cisc Planalto.

Veja abaixo fotos e vídeo:

Economia – circulação de valores, informações (... ver episódio do dia que queimaram ônibus em Cuiabá)

Cheirosa

Assim, se deu meu contato com Cheirosa (Andreia) que, no decorrer da pesquisa morreu de um ataque fulminante, deixando uma ausência profunda em mim, pois posso dizer, que o Centro não é mais o mesmo sem a Cheirosa. Os encontros com Cheirosa eram fortuítos, totalmente ao acaso, mas quando queria conversar com ela de certa maneira sabia que teria de ficar pelo centro e acabaria por encontrá-la (imediações da praça Alencastro e da República). Já havia conseguido sua autorização para filmá-la e para entrevistá-la mas infelizmente sua morte veio antes d’eu poder registrar suas palavras.

Essa impossibilidade reside no fato de que esta população situa-se subterraneamente em redes de relações que as mantêm mesmo sob representação e tentativa de governo, um todo de laços e de vida inaprisionável, intangível do ponto de vista dos discursos que tente cristalizá-la ou categorizá-la. E isso acontece em medida porque tanto o discurso oficial do Estado quanto nossas representações, ou nossos discursos, são exatamente a matéria prima daquilo que se traz para o jogo nas situações de interação. O jogo que jogam conosco se dá de maneira a se apropriar das nossas regras quando conveniente e tão logo descartá-las assim que tenham cumprido sua função de passe, de golpe, de vez, isto é, cumprido sua função de interação. Um dos lugares mais comuns desse jogo é exatamente a linguagem. Na linguagem de minhas interações com os moradores do Centro, por exemplo, percebi a astúcia em jogar com meus valores, em usar de meus princípios para contrapô-los aos seus, para evidenciar o quanto se é diferente, o quanto nossas vidas não se tocam apesar de meu esforço, o quanto posso ser objeto de uso, e de que não estou fora da mesma relação à qual estão submetidos. Isso ficou claro numa interação com Cheirosa. Encontrei Cheirosa na frente da loja Riachuelo, perto entre as praças Alencastro e Praça da República assim que começamos a conversar ela me pediu para que eu comprasse um short pra ela, pois estava menstruada. No meio da conversa no calçadão em pé, abriu as pernas indicando a vagina, como se eu devesse ver ali uma marca de sangue que comprovasse o que ela dizia. Sem nenhum pudor ela deu seu corpo à vista ainda mais para comprovar o que dizia e conseguir o que queria. E eu não devia recusar olhá-la, no entanto, a marca que ela queria que eu visse não estava ali, não havia sangue, nenhuma marca nem mesmo na parte de traz da roupa, mas também não me restava muita alternativa depois de tal

exposição e pedido a não ser confiar nela, e aceitar que ela estivesse mesmo menstruada. O jogo posto era o de que eu não a questionaria pois ela já teria ido longe demais em elaborar uma mentira para me convencer e pedia com seu corpo e seus olhos que eu não fosse deselegante ao ponto de dizer que ela estava mentindo, eu não deveria duvidar dela, pois ela sempre foi honesta. Minha relação com Cheirosa é de muitas interações, sempre no centro da cidade. Sua entonação conhecida: ô minha linda já me dizia que Cheirosa queria me contar algo, pedir um dinheirinho ou mesmo um cigarro e sempre ao perguntar pra que estava me pedindo dinheiro ela era honesta, essa dignidade estava presente nesse momento em que me pedia um short. Cheirosa dizia pra quê era o dinheirinho, quando era pra comida ela dizia que tava com fome e quando era pra comprar droga dizia “ah... vou dar uma pauladinha, eu não minto não!” Naquele turbilhão de coisas que Cheirosa me falava apenas pude ainda retrucar: ah Cheirosa você de onda comigo né?! Não minha linda... eu preciso de um short, vamos comigo na loja comprar, é que eu quero ficar bonita, vamos lá, compra um short jeans pra mim, vou fazer uma combinação com uma calça por baixo, aí você vai ver... e mudava o discurso. Unh... tá bom Cheirosa vamos lá. Chegamos na loja e ela eufórica, queria um short curto, falei mas Cheirosa onde você vai com esse shortinho desse!? Ela que não era de dar risada me olhou sério e acrescentei como uma provocação de amiga unh... vai sair por aí pela rua mostrando as pernas é...? Ela disse que não, que iria colocar uma calça por baixo do short, como havia dito antes. Vou fazer assim e assado e mostrava a combinação que faria do short com a calça que usava... Essa situação ilustra não uma situação estritamente de pesquisa no sentido mais formal e sim uma situação de vida onde o laço entre mim e Cheirosa em que minha vida é atravessada pela dela e ela no seu cotidiano de

moradora da cidade encontra em mim uma possibilidade de interação. Essa mesma dinâmica é vivida pela população em geral, principalmente por aquelas pessoas que convivem mais no centro histórico de Cuiabá, onde existem várias comunidades de moradores de rua.

No geral, a população que mais tem contato com os lugares onde os moradores de rua circulam e que dividem as mesmas ruas que os moradores tem a respeito dessa população as mais variadas significações e representações. Os comerciantes representam uma classe que se organiza num discurso único: moradores de rua são prejudiciais ao comércio local, transeuntes e outros segmentos tendem a ser terem um discurso menos aburguesado e menos mercantilista. A população em situação de rua também intercambia bens simbólicos e culturais, participa da vida da cidade, tem sua dinâmica junto da população economicamente ativa e lança sobre esta também seus entendimentos. Não raro ouvimos suas críticas ao trabalho que engole o tempo das pessoas comuns, seus deboches quanto às “otoridades” e suas maneiras sutis de desconstruírem a nós.

“Os moradores de rua constituem um segmento social particular no espaço urbano. Trata-se de uma categoria que, em função de inúmeras e diversas trajetórias de desvinculação social e econômica, passa a habitar “cantos” da cidade impensáveis ao planejamento urbanístico e ao imaginário coletivo dos cidadãos: as ruas, os espaços vazios embaixo dos viadutos, as praças, as calçadas, locais atualmente concebidos como de passagem, esvaziados da produção de sociabilidades urbanas que historicamente marcavam os espaços da cidade.” P. 15 *Corpos urbanos errantes*. Simone Mizira Frangella.

Capítulo I

Cartografia da Rua

“A simples presença do oprimido como tal é o fim da boa consciência do opressor”.

Enrique Dussel

A sociedade brasileira, como bem observou Sergio Buarque de Holanda, é heterogênea, segregacionista e elitista. Caso não tenhamos nosso olhar sensível e sensibilizado, corremos o risco de reproduzir esta mesma lógica e agir como opressores mesmo sendo e estando entre oprimidos.

A vida nas cidades, do ponto de vista físico, arquitetônico e/ou das relações sociais, constitui-se justamente no reflexo direto dessa sociedade e cultura segregacionistas que compartilham uma visão de mundo eurocêntrica conivente com a destruição dos saberes-poderes-estéticas e que, portanto, atuam na produção de subjetividade de lixo, tais visões revivem a lógica da casa-grande e senzala. Essas oposições binárias e não complementares contrapõem a subjetividade de lixo ao seu oposto, isto é, a subjetividade de luxo. Isto significa, por outro lado, que, mesmo habitando o espaço geográfico e físico, o lugar social que cada um ocupa é o que vai separar e escalonar a todos.

As práticas-discursivas e o governo das populações, no caso dos moradores de rua, denotam que o fenômeno da produção das

“subjetividades da rua” possui gradientes que vão da negação, invisibilização, segregação e opressão dos moradores a crimes como o assassinato, estupro e chacinas, dentre outros tipificados pelo Código Penal, e que colocam a sociedade brasileira em permanente comprometimento quanto à garantia de Direitos e em uma problemática reveladora da distância entre possuir uma das legislações mais avançadas do mundo e pensar socialmente quanto a sua não implementação.

Além dos crimes, existem uma gama de prisões, internações e interdições perpetradas pelo Estado e que coloca o projeto de cidadania plena em xeque, isto se soma à problemática dos Direitos Humanos constituírem apenas um arcabouço teórico e não um aparato jurídico.

O *modus operandi*, calcado na visão eurocêntrica, pelo qual Estado e Sociedade fundam as práticas-discursivas sobre a subjetividade de lixo e subjetividade de luxo, tem na cidade o ponto principal das relações de dominação econômica e sociocultural. Essas práticas têm na expropriação do território e do saber-poder, a saber, daqueles que na cidade se organizam à margem, um ponto fundamental de sua estratégia de extermínio. Neste ensaio, assume-se que a principal prática-discursiva do ponto de vista do governo é o da *limpeza*.

Os moradores de rua sofrem duplamente o impacto absolutamente brutal da expropriação como *limpeza*. Quando na rua, vivendo e sobrevivendo (d)nela, pessoas nomeadas simplesmente por *moradores de rua*, geralmente aquelas que já tiveram todos os seus bens simbólicos, culturais e materiais expropriados, ainda sofrem a imposição de outra expropriação: a expropriação de seu corpo (prisão, internação, interdição e morte). Expropriação da subjetividade, transformação da subjetividade em lixo, para assim, através do estigma como processo, justificar o seu

abandono, desaparecimento, encarceramento, isolamento e morte. Essa expropriação coloca em xeque a própria cidade em sua dimensão fundante, quer seja: a de socialização, relação, interação e de vivência urbana.

A dimensão prático-discursiva da relação de expropriação em termos de governo das populações está construída em torno do que chamaremos aqui de mitos, isto é, trata-se do imaginário, de maneira bastante genérica, enquanto narrativa. Procuraremos, no entanto, determinar em questões conceituais da ideia de mito. A abordagem repercute o imaginário que envolve o morador de rua e busca discorrer sobre a ressignificação desse imaginário.

As ações de urbanização das cidades possuem o mesmo caráter mitificador que cria os estigmas e ordena os espaços. O que pretendemos discutir são essas duas perspectivas associadas, a da mitificação do imaginário e a dos projetos de urbanização, no caso, remeter-nos-emos geograficamente ao Bairro do Porto.

Trataremos de quatro mitos principais em nossa reflexão, mas destacamos pelo menos dez mitos que entendemos ser importantes para um primeiro olhar à questão dos moradores de rua em Cuiabá e que poderão ser desdobrados por outros pesquisadores no âmbito do projeto ou mesmo fora dele. Assim, os mitos são: 1. Morador de rua escolheu morar na rua; 2. Morador de rua “enfeia” a cidade; 3. Morador de rua é sujo; 4. Morador de rua é alienado; 5. Morador de rua é lixo contaminante; 6. Morador de rua não gera renda; 7. Morador de rua é drogado; 8. Morador de rua é violento; 9. Morador de rua é inferior na escala social; e 10. Morador de rua improdutivo.

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA**

**NOVAS EPISTEMAS
E
NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS**

27 a 29 de setembro de 2016
JATAÍ - GO
UFG - Regional Jataí